

## Comunicação de Defesa de Dissertação de Mestrado

Observados os dispositivos do artigo 52 de Resolução 07/2000 – CSPP - UFJF, será defendida no dia **28/03/2023, às 15h30, (Sala de defesas da Pós-Graduação - FALE)**, conforme Resolução nº 001/2020-CSPP da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a dissertação intitulada: "**Jornalismo, memória coletiva e gênero: Malala Yousafzai como personagem de empoderamento feminino**", do/a aluno/a **Marisa Aparecida Loures de Araújo Barros**, candidato/a ao título de Mestre em Letras, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais. A Banca Examinadora constituída pelo Colegiado do Curso é formada pelos Professores:

	Nome do (a) Prof. (a)	Título e entidade onde foi obtido	Entidade a que pertence	Observação
01	Prof. Dr. Alexandre Graça Faria	Doutor em Letras (PUC-Rio)	UFJF	Orientador e presidente da banca
02	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Silvina Liliana Carrizo	Doutora em Literatura Comparada (UFF)	UFJF	Membro interno
03	Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros de Carvalho	Doutor em Letras – (PUC Rio)	UFF	Membro externo
05	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves	PHD – (University of Texas – Austin)	UFJF	Suplente interno
06	Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Marise Baesso Tristão	Doutora em Comunicação - UFF	UniAcademia	Suplente externo

### Resumo da Dissertação:

Nesta dissertação, traço um estudo de Malala Yousafzai enquanto personagem de empoderamento feminino, construído deliberadamente em sua autobiografia — **Eu sou Malala** (2013) — e no livro-reportagem infantojuvenil — **Malala, a menina que queria ir para a escola** (2015) —, de Adriana Carranca. Minha pesquisa revela que essa mulher paquistanesa, muçulmana e não branca precisou desafiar a subalternidade para conseguir ser o personagem de influência que ela representa no mundo. Além disso, concluo que, a despeito de teorias conspiratórias que acusam a filha de Ziauddin Yousafzai de estar a serviço do Ocidente e contra sua cultura, o jornalismo subjetivo de Carranca foi determinante para evidenciar que ela continua viva nas memórias das meninas de sua terra natal. Ao lançar mão de elementos da ficção, sem abrir mão do compromisso com a verdade, a jornalista ressignifica sua produção jornalística, bem como humaniza a protagonista de sua narrativa e, consequentemente, aproxima-a do leitor. No meu percurso de escrita, apresento o país em que Malala nasceu, a fim de entendermos a complexidade existente em uma sociedade onde a religião dita os costumes. Por isso, ao se fazer

interpretações equivocadas do Alcorão, a mulher é subjugada. Demonstro como a violência praticada por grupos fundamentalistas, como o Talibã, só fez piorar a repressão contra o sujeito feminino. Reflito acerca da velha arrogância do Ocidente em relação ao Oriente e que é responsável pela imagem que construímos dos muçulmanos. Apresento o feminismo islâmico, com o qual acredito que a ativista se identifica. Discuto a respeito da importância da escrita de si como forma se fazer existir publicamente. E exponho também os esforços de estudiosos na discussão a respeito da memória. Como referencial teórico, evoco nomes, como Edward W. Said, Pierre Bourdieu, Philippe Lejeune, Maurice Haubwachs, Jacques Le Goff, Erwin Goffman, Gayatri Chakravorty Spivak, Homi K. Bhabha, Silviano Santiago, Antonio Cândido, Valdecila Cruz Lima, Margareth Rago, Fabiana Moraes, Eliane Brum, dentre outros.

#### Resumen:

En esta disertación, trazo un estudio de Malala Yousafzai como un personaje de empoderamiento femenino, construido deliberadamente en su autobiografía — **Yo soy Malala** (2013) — y en el libro-reportaje infantojuvenil — **Malala, la niña que quería ir a la escuela** (2015) —, de Adriana Carranca. Mi investigación revela que esta mujer pakistaní, musulmana y no blanca tuvo que desafiar la subalternidad para convertirse en el persona influyente que representa en el mundo. Además, concluyo que, a pesar de las teorías conspirativas que acusan a la hija de Ziauddin Yousafzai de estar al servicio del Occidente y en contra su cultura, el periodismo subjetivo de Carranca fue decisivo para demostrar que ella sigue viva en la memoria de las niñas de su tierra natal. Haciendo uso de elementos de ficción, sin renunciar al compromiso con la verdad, la periodista replantea su producción periodística. Asimismo, humaniza a la protagonista de su narrativa y, en consecuencia, la aproxima del lector. En mi trayecto de escritura, presento el país donde nació Malala, para entender la complejidad que existe en una sociedad donde la religión dicta las costumbres. Por lo tanto, hay malas interpretaciones del Corán, las mujeres son subyugadas. Demuestro cómo la violencia practicada por los grupos fundamentalistas, como los Talibanes, solo agudizó la represión contra el sujeto femenino. Reflexiono sobre la vieja arrogancia de Occidente en relación con Oriente y que es responsable por la imagen que construimos de los musulmanes. Presento el feminismo islámico, con lo que creo como la activista se identifica. Hablo de la importancia de la autoescritura siendo una forma de hacerte existir públicamente. Y también expongo los esfuerzos de los estudiosos en la discusión sobre la memoria. Como referente teórico, evoco nombres como Edward W. Said, Pierre Bourdieu, Philippe Lejeune, Maurice Haubwachs, Jacques Le Goff, Erwin Goffman, Gayatri Chakravorty Spivak, Homi K. Bhabha, Silviano Santiago, Antonio Cândido, Valdecila Cruz Lima, Margareth Rago, Fabiana Moraes, Eliane Brum, entre otras.